

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século
XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.**

Número e título do GT: GT 13 - Trabalho imaterial e suas configurações na “nova economia”

Título do trabalho: Significados de trabalho e qualificação do trabalhador na organização social-produtiva capitalista

Autora: Jussara Biagini

Doutora em Educação: História, Política, Sociedade: Educação e Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Investigadora do grupo de investigação: LABOSFOR, Laboratorio de Investigacion en Formacion y Profesionalizacion, coordenado pelo prof. Dr. José Gijón Puerta, Universidade de Granada – Espanha. Docente e Técnica em Assuntos Educacionais do CEFET-MG. E-mail: jubiagini@adm.cefetmg.br

Co-autora: Fabiana Sabará Dias

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente da Fundação Helena Antipoff – MG. E-mail: fabianasdias@gmail.com

SIGNIFICADOS DE TRABALHO E QUALIFICAÇÃO DO TRABALHADOR NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL-PRODUTIVA CAPITALISTA

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender significados de trabalho e qualificação do trabalhador na organização social-produtiva capitalista. Para tanto, concebe-se a necessidade de desenvolver uma incursão pelos estudos teóricos que tomam como objeto à temática em apreço. Esta incursão teórica consiste em recurso para elaboração de um quadro textual, o que não se fará por um plano rígido de reprodução ou comprovação de teorias existentes, mas, a partir de atitude aberta e flexiva, para que seja favorecida percepção e análise das informações e dados apreendidos.

Palavras-chave: trabalho, qualificação, trabalhador, organização social-produtiva, capitalismo, tecnologia.

Resumo expandido:

No processo de aproximação de determinadas concepções epistemológicas a respeito de significados de trabalho e qualificação do trabalhador na organização social-produtiva capitalista, os autores deste artigo revelam-se como sujeitos-objeto do processo reflexivo aqui desenvolvido. Ao mesmo tempo, evidencia-se grande preocupação em não deixar que referências tomadas mistifiquem o alcance do objetivo estabelecido.

O presente estudo tem como objetivo compreender significados de trabalho e qualificação do trabalhador na organização social-produtiva capitalista. Para tanto, concebe-se a necessidade de desenvolver uma incursão pelos estudos teóricos que tomam como objeto à temática em apreço. Parte-se do princípio de que a (re)elaboração de qualquer quadro teórico não tem a finalidade de reproduzir ou mesmo explicar mecanicamente o objeto em discussão, mas de oferecer suporte para uma leitura reflexiva a fim de compreender seus limites e sua ambiguidade. É preciso, contudo, saber fazer um bom uso das palavras, a fim de poder tocar as verdades do mundo das essências. Tal preceito justifica a atitude assumida de não tomar o capitalismo como figura maquiavélica¹, também não se pretende realizar um estudo aprofundado da complexidade das transformações pelas quais a sociedade contemporânea vem passando, mas, apropriar-se, histórica e sociologicamente, de ideias e concepções relevantes à construção epistemológica do objeto deste artigo.

A concepção de trabalho é colocada por muitos teóricos, como sendo ato de produção e reprodução, referências do homem como ser social, aquilo que o difere dos outros animais. Na organização produtiva capitalista, porém, a essência do trabalho está

¹ Não conceber o capitalismo como figura maquiavélica significa compreender que este sistema, como referência estrutural para organização da sociedade, vem realizando o que dele se esperava: estabelecer a relação capitalista nos modos de produção e na estruturação da ordem social. Nessa perspectiva, Silva (1997, p.115) faz a seguinte reflexão, baseada na concepção sobre a natureza do desenvolvimento capitalista, formulada por Hirschman (1977, p.132): “o capitalismo não pode ser criticado por ser repressivo, alienante e unidimensional em contraste com seus valores básicos, porque o capitalismo realizou precisamente o que se pretendia que realizasse, nomeadamente reprimir certos impulsos e tendências e produzir uma personalidade humana menos multifacetada, menos imprevisível e mais unidimensional”. Em outras palavras. “o capitalismo visou, desde o início, à realização do que rapidamente foi denunciado como a sua pior característica”. Com essas palavras as críticas a esse sistema não devem ser concebidas pela indicação do bem-mal ou mesmo referendar o modelo causa-efeito: as críticas devem ser concebidas pelo propósito de tocar as verdades da essência do capitalismo, que se constrói e se reconstrói ante a relação de força de poder sobre a maioria dita excluída. O veio ideológico do capitalismo encontra-se no domínio da atividade vital humana – o trabalho.

vinculada ao propósito de torná-lo instrumento de necessidades, determinadas pelo modo de produzir. O trabalho é considerado força de produção, mercadoria da dinâmica produtiva; o resultado do trabalho articula-se a um processo de controle e disciplinamento que conduz o trabalhador à perda do controle de si mesmo. Então, o ator criador da atividade de produzir fica reduzido a uma única possibilidade: sobrevivência, essência reduzida à existência.

O desenvolvimento de novas tecnológicas, com base no referencial de produtividade capitalista, estabelece uma concepção funcionalista das relações de produção, traduzidas, assim, em competência, dinamismo, domínio das tarefas de origem e correlatas. Imprime-se uma “tendência de adoção da forma descentralizada de administração, uma tentativa de auto-responsabilidade do trabalhador pelas questões concernentes a seu trabalho” (Oliveira, 2002, p.75) Em última instância, pode-se inferir que as estratégias para o alcance de maior objetivação do processo produtivo devem partir do próprio trabalhador, o qual passa a ser responsabilizado pelas condições necessárias à exploração de seu trabalho.

A efetiva flexibilização do aparato produtivo, ao conduzir à flexibilização do trabalhador, faz com que as forças de trabalho desse sujeito fiquem à disposição das necessidades de um mercado especializado, que é consumidor. Esta situação propicia ao capitalista o controle da produção, aliado ao controle das capacidades de trabalho, o que faz estabelecer relações sociais conflitantes, uma vez que, como expõe Oliveira (2002) “o real consumidor da capacidade de trabalho da mão-de-obra não é o seu portador, mas o capitalista” (p.103).

A ordem capitalista manifesta seu poder pela base do propósito de controlar necessidades e aspirações do trabalhador, para tanto, utiliza e incentiva a formação e o aperfeiçoamento das aptidões intelectuais e técnicas. A dimensão desse controle e poder torna-se mensuravelmente maior, quando, conforme Marcuse (1997) “conquista-se as forças mais pela Tecnologia do que pelo Terror, com dupla base numa eficiência esmagadora e num padrão de vida crescente” (p.14).

Do que foi inferido até momento, considera-se o quanto é tênue a compreensão dos significados de trabalho e qualificação do trabalhador na organização social-produtiva capitalista.

Referências:

MARX, K. O Manifesto Comunista. In: LASKI, H. J. *O Manifesto comunista de Marx e Engles*. Rio Janeiro: Zahar, 1972.

GRAMSCI, A. Americanismo e fordismo. Maquiavel, a política e o Estado moderno. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

PETERS, M. Governabilidade neoliberal e educação. In SILVA, T, T (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucautianos*. Petrópolis: Vozes, 1995

MANACORDA, M. A. *Marx e a Pedagogia Moderna*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MARCUSE, H. A conquista da consciência infeliz: dessublimação repressiva. In: *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

OLIVEIRA, D. A. A qualidade total na educação: o critério da economia privada na gestão da escola publica. In: BRUNO, Lucia (Org.) *Educação e Trabalha no Capitalismo Contemporâneo: leituras selecionadas*. São Paulo: Atlas, 1996.